



Jornais

Correio Paulistano
MESTRE PASTINHA VAI MORALIZAR A CAPOEIRAGEM
03 janeiro 1953

Velhos mestres



Éis um grupo de alunos de Vicente Pastinha, no Centro Esportivo Angola, todos munidos de berimbáus, reco-recos.

Éis um grupo de alunos de Vicente Pastinha, no Centro Esportivo Angola, todos munidos de berimbaus, reco-recos.



Mestre Pastinha mostra como se "beija" e "peito" de um sujeito, isto é, como se lhe dá uma cabeçada no meio do peito

MESTRE PASTINHA VAI MORALIZAR A CAPOEIRAGEM

COREOGRAFIA DE ANGOLA EM TERREIROS DA BAHIA

"Boca de calça não se perde e capoeira que se conhece nunca abandona um pouco de pimenta do reino" — Há três tradições antagonicas entre os bambas de Salvador — "Aús" e "chibatas" num terreiro

Hoje, vamos escrever sobre capoeira. Assunto esportivo, vem sendo debatido principalmente por folcloristas. Daí, talvez, os erros crassos que estão sendo cometidos na discussão do nosso esporte nacional. Falei este título, entremos no assunto.

Hoje, a capoeira é um mito fora da Bahia. Talvez possamos encontrar em qualquer lugar do país sujeitos capazes de arrumar com os dois pés no rasto do adversário. Mas somente em Salvador vê-la-emos confundir-se com a coreografia, a música, a religião e a defesa pessoal porque só aí encontramos netos e bisnetos de antigos proprietários de escravos apreciando o jogo nos terreiros e sendo, também eles, capazes de traços difíceis, desenhando uma "chibata", descrever um "aú" e projetar o corpo num "faz que vai mas não vai". A praça localizada defronte à Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia — para citar-

tido de defesa pessoal) da velha Angola por parte de um revolucionário da arte — o Mestre Bimba. Inteligente, dotado de grande força física — xodó dos estudantes de Medicina, Bimba montou academia. A escola prosperou, o número de alunos aumentou e, com a fama dos brinquedos que a frequentavam, cresceram também a fama do professor. Foi a partir de então que os cearenses adquiriram fama de violentos na velha Bahia, contavam Heron de Alencar, cearense "naturalizado" baiano. Reuniam-se eles em grupos de três ou quatro e se espalhavam pelas ruas da cidade, ferrubindo soldados, portugueses e baianos. No final,

rio. Pas questão de agarrar agilmente cabeça e pernas, paralisando o golpe justamente no momento em que pés ou como chibam quasi a tocar o corpo do adversário. A escola de Angola não se utiliza das mãos, a não ser para apelar-se no chão quando o capoeirista aplica "rabos de arraia", "aú" e "chibatas".

lamo-nos esquecendo de um pormenor importante: a capoeira é praticada ao som do berimbau, do caxixi, do pandeiro e do reco-reco, iniciando-se com as chibatas de fundamento tiradas pelo mestre:

SINHIAZINHA, que vende aú
Vende arros do Maranhão
Meu sinhô mundo vendê
Na terra de Salento.

Ararand.

Os que formam a roda, os que empunham os reco-recos e be-

rimbau. Consta a tradição que o berimbau se destinava a camuflar o jogo da capoeira, nos tempos em que esta era proibida pela polícia. Formava-se a roda, os capoeiristas se enfrentavam mas, quando chegava a polícia, encimava apenas uma roda inocente de pessoas tocando berimbau e pandeiro.

Reportagem de Ibiapaba Martins

MESTRE BIMBA, O MESTRE Não pesa mais de quarenta e nove quilos e conta atualmente sessenta e quatro anos. Chama-se Vicente Pastinha, é pintor de profissão e aprendeu Angola quando menino, "radiando" com os velhos africanos. Em 1912, abandonou o jogo "por não ser conveniente..." (a polícia passou a perseguir severamente os capoeiristas nessa época). Mas em 1941, ocorreu um novo surto do esporte que, aliás, nunca havia morrido. Voltou igualmente Mestre Pastinha que nunca se esquecera dos seus "aús" e "faz que vai e não vai..."

"Voltei a pedido de um amigo", disse-nos ele certa vez. E foi nesta ocasião para moralizar a arte. Diante dos nossos olhos, aquele velhinho colocou uma roda de dez cruzeiros no chão encerrado de uma sala de visitas. Estavam os móveis e convidados "Alémão" para alguns movimentos. "Alémão" é um guarda-civil de Salvador, forte como um touro, vinte e três anos, mestre também de capoeira. E Mestre Pastinha explicou:

— "Está vendo este dinheiro? Sabe o que significa? Pas de conta que houve uma briga: um de nós punou uma feta e essa acabou caindo no chão. Agora, os capoeiristas tratam de apañá-la. Quem pegar o dinheiro, pega a vida. Quem não pegar, morre". Começou então o gingar dos capoeiristas. O velhinho, que valdava havia mais de uma hora, depois de uns quinze minutos de "chibatas" e "aús", "bercos" e "cocadas", acabou apañando a cédula com os dentes, não obtendo o outro tivesse empunhado todos os esforços para não ser derrotado por um contendor quarenta anos mais velho...

Desistindo, sem ofegar, Mestre Pastinha explicou alguns segredos: — "Boca de calça não se perde. Nunca a gente deve deixar o outro encostar: não sou balança nem quero carregar peso. Capoeira que se conhece não abandona um pouquinho de pimenta do reino. E' bom para os olhos do adversário. Capoeirista precipitado é coço. O velho sabe. A gente não pode ver peito desco-

berto sem sentir vontade de beijar (cabeçada). Os olhos devem estar sempre vigiando..."

Mestre Pastinha acaba de organizar uma academia. Academia de Angola, pura, sem o hibridismo da Regional de Mestre Bimba. E' absolutamente gratis, porque a intenção do velhinho é apenas moralizar a arte. Todos

de branco, em cima da lama, em contornos acrobaticos, agéis como serpentes, os angoleiros rematadamente o prestígio da capoeira que só tem prestígio na velha Bahia. Sim, porque hoje capoeira é um mito fora da Bahia. E' todo cidadão que lê três livros sobre folclore entende então de dizer asneiras sobre o assunto.

II Reunião Inter-Americana de P

RESUMO DAS RECOMENDAÇÕES APROVADAS PELO CONGRESSO INTERNACIONAL REALIZADO

Como é do conhecimento público, realizou-se de pleno direito a II Reunião Inter-Americana de Produção Animal realizada recentemente em Bauri, com a participação de delegados de quase todos os países americanos e de algumas nações europeias, entre as quais a Inglaterra, a França, a Holanda e a Suécia.

Durante esta importante convocação internacional, convocada pela FAO (Food and Agriculture Organization, das Nações Unidas) e pelo Instituto Inter-Americano de Ciência Agronômica, sob os auspícios do Ministério da Agricultura, da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo e da Universidade de São Paulo, foram apresentados mais de cem trabalhos, por mais de 15 países, assim distribuídos: Brasil 45, Chile 10, Argentina 8, Jamaica 6, Estados Unidos 5, República Dominicana 4, Nicarágua 3, Costa Rica 3, África Equatorial Francesa 2, Peru 2, Madagascar 2, Paraguai 2, Haiti, Camerão, Salvador, Trinidad 1, respectivamente.

As diferentes seções técnicas apresentaram a aprovação do plenário numerosas e importantes recomendações, tendo muitas delas suscitado grande interesse e prolongados debates.

A sessão de encerramento, que contou com a presença do dr. Nuno de Almeida, prefeito de Bauri, dr. Werner Carnier, diretor da Escola Prática de Agricultura "Guastavo Capanema", representante da F. A. O., delegados estrangeiros e nacionais e numerosa assistência, foi presidida pelo prof. dr. João Soares da Veiga, diretor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo e que, designado pelo Ministério da Agricultura, foi o organizador do importante congresso.

RESUMO DAS RECOMENDAÇÕES APROVADAS PELO

Durante a II Reunião Inter-Americana de Produção Animal mereceram atenção especial as recentes investigações científicas que poderiam ser utilizadas no aumento da produção, da industrialização e da distribuição dos produtos animais e também nos métodos de melhoramento dos serviços governamentais para esta indústria. Os resultados destas

discussões e das recomendações constam dos cinco capítulos seguintes:

- 1 — Melhoramento da produção animal genética.
- 2 — Melhoramento da produção animal genética.
- 3 — Melhoramento da produção animal genética.
- 4 — Melhoramento da produção animal genética.
- 5 — Melhoramento da produção animal genética.



Um grupo de alunos de Vicente Pastinha, no Centro Esportivo Angola, todos munidos de berimbais, reco-recos.

mos um exemplo apenas — chama-se Terreiro e leve esse nome porque desde sua primórdia a capoeira foi uma de suas características. Hoje ainda, quase todos os estudantes de medicina da tradicional Faculdade se entregam ao jogo nacional.

AS TRÊS ESCOLAS DE SALVADOR

Há três escolas de capoeira na cidade de Salvador. Existem muitas academias mas escolas (empregamos a palavra no sentido de corrente, tendência) há apenas três. A primeira é a mais antiga talvez, hoje quase desaparecida. Chama-se Escola de São Bento e se cultiva entre os que receberam a tradição dos negros escravos de São Bento das Lagoas. Os capoeiristas de São Bento empregam frequentemente as mãos, o que já não sucede com os defensores de Angola que, estes, absolutamente as encostam no contendor. A última escola é chamada Regional e não passa de um aperfeiçoamento (no sen-

hada acentuada... porque sempre foi tradição na Bahia ter um chefe de polícia cearense... Vem daí principalmente a fama de Mestre Bimba, o homem que cometeu a suprema heresia de introduzir golpes de sarratá, bone e ju-jitsu na velha capoeira dos negros angoleiros. Estes, os negros angoleiros, foram os pais da capoeira. Hoje, chama-se Angola a escola mais pura da Bahia, a terceira escola.

VESTIDOS DE BRANCO OS DEFENSORES DA TRADIÇÃO Quem defende a tradição é a escola de Angola. Nesta, vemos a capoeira confundir-se com a dança. Nas grandes ocasiões, os angoleiros se apresentam de branco, sapato pintado de alvaço, paléto saço, gravatinha de borboleta. E' luta em cima da lama, do tijolo lousado (também pode fazê-lo no interior de uma sala cheia de bibelôs e vasos frágeis), limbrando em sair da pugna sem uma noção sequer. E' o que é mal: sem ter saído o adversá-

f, é aruandê Camarado Gale cantô A, é gale cantô Camarado Cerecê A, é Camarado.

Quase sempre os ritmos são improvisados. E os que improvisam os instrumentos de som, principalmente o que segura o berimbau, este dá o ritmo do jogo, acelerando ou acompanhando. Os jogadores orientam a velocidade de suas "chibatas", dos ataques e



Mestre Pastinha vai moralizar a capoeiragem
Coreografia de Angola em terreiros da Bahia

Reportagem de Ibiapaba Martins

Correio Paulistano, 3/jan/1953

"Boca de calça não se perde e capoeira que se conhece nunca abandona um pouco de pimenta do tradições antagonistas entre os bambas de Salvador - "Aús" e "chibatas" num terreiro

Hoje, vamos escrever sobre capoeira. Assunto esportivo, vem sendo debatido principalmente por folcloristas. Daí, talvez, os erros crassos que estão sendo cometidos na discussão do nosso esporte nacional. Feito entre introito, entremos no assunto.

Hoje, a capoeira é um mito fora da Bahia. Talvez possamos encontrar em qualquer lugar do país sujeitos capazes de arrumar com os dois pés no rosto do adversario. Mas somente em Salvador vê-la-emos confundir-se com a coreografia, a musica, a religião e a defesa pessoal porque só aí encontraremos netas e bisnetas de antigos proprietarios de escravos apreciando o jogo nos terreiros e sendo, tambem elas, capazes de traços difíceis, desenhar uma "chibata", descrever um "aú" e projetar o corpo num "faz que vai mas não vai". A praça localizada defronte à Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia - para citarmos um exemplo apenas - chama-se Terreiro e teve esse nome porque desde seus primordios a capoeira foi uma de suas caras tradições. Hoje ainda, quase todos os estudantes de medicina da tradicional Faculdade se entregam ao jogo nacional.

AS TRÊS ESCOLAS DE SALVADOR

Há três escolas de capoeira na cidade do Salvador. Existem muitas academias mas escolas (empregamos a palavra no sentido do corrente, tendencia) há apenas três. A primeira é a mais antiga talvez, hoje quasi desaparecida. Chama-se Escola de São Bento e se cultiva entre os que receberam a tradição dos negros escravos de São Bento das Lages. Os capoeiristas de São Bento empregam frequentemente as mãos, o que já não sucede com os defensores de Angola que, estes, absolutamente as encostam no contendor. A ultima escola é chamada Regional e não passa de um aperfeiçoamento (no sentido de defesa pessoal) da velha Angola por parte de um revolucionario da arte - o Mestre Bimba. Inteligente, dotado de grande força física - xodó dos estudantes de Medicina, Bimba montou academia. A escola prosperou, o numero de alunos aumentou e, com a fama dos briguentes que a frequentavam, cresceu tambem a fama do professor. Foi a partir de então que os cearenses adquiriram fama de valentes da velha Bahia, contou-nos Heron de Alencar, cearense "naturalizado" baiano. Reuniam-se eles em grupos de três ou quatro e se espalhavam pelas ruas da cidade, derrubando soldados, portugueses e baianos. No final, nada acontecia... porque sempre foi tradição na Bahia ter um chefe de policia cearense... Vem daí principalmente a fama de Mestre Bimba, o homem que cometeu a suprema heresia de introduzir golpes de savata, boxe e jiu-jitsu na velha capoeira dos negros angolas. Estes, os negros

angolas, foram os pais da capoeira. Hoje, chama-se Angola a escola mais pura da Bahia, a terceira [segunda?] escola.

VESTIDOS DE BRANDO OS DEFENSORES DA TRADIÇÃO

Quem defende a tradição é a escola de Angola. Nesta, vemos a capoeira confundir-se com a dança. Nas grandes ocasiões, o angolense se apresenta de branco, sapato pintado de alvaiade, paletó saco, gravatinha de borboleta. E luta em cima da lama, do tijuco imundo (também pode fazê-lo no interior de uma sala cheia de bibelôs e vasos frageis), timbrando em sair da pugna sem uma nodoa sequer. E o que é mais: sem ter sujado o adversário. Faz questão de esgrimir agilmente cabeça e pernas, paralisando o golpe justamente no momento em que pés ou coco chegam quase a tocar o corpo do adversário. A escola de Angola não se utiliza das mãos, a não ser para apoiar-se no chão quando o capoeirista aplica "rabos de arraia", "aus" e "chibatas".

Iamos-nos esquecendo de um pormenor importante: a capoeira é praticada ao som do berimbau, do caxixi, do pandeiro e do reco-reco, iniciando-se com as chulas de fundamento tiradas pelo mestre:

SINHAZINHA, que vende aí?

Vendo arroz do Maranhão

Meu sinhô mandô vendê

Na terra de Salomão

Aruandê

Os que formam a roda, os que empunham os reco-recos e berimbaus fazem coro:

Ê, ê

aruandê

Camarado

Galo cantô

ê, ê

galo cantô

Camarado

Cocorocô

ê, ê

Camarado.

Quase sempre os ritmos são improvisados. E os que empunham os instrumentos de som, principalmente o que segura o berimbau, este dá o ritmo do jogo, acelerando ou compassando. Os jogadores orientam a velocidade de suas "chibatas", dos ataques e contra-ataques pelo som do berimbau. Conta a tradição que o berimbau se destinava a camuflar o jogo da capoeira, nos tempos em que esta era proibida pela polícia. Formava-se a roda, os capoeiristas se enfrentam mas, quando chegava a polícia, encontrava apenas uma roda inocente de pessoas tocando berimbaus e pandeiro.

MESTRE BIMBA [PASTINHA], O MESTRE

Não pesa mais de quarenta e nove quilos e conta atualmente sessenta e quatro anos. Chama-se Vicente Pastinha, é pintor de profissão e aprendeu Angola quando menino, "vadiando" com os velhos africanos. Em 1912, abandonou o jogo "por não ser conveniente..." (a polícia

passou a perseguir severamente os capoeiras nessa época). Mas em 1941, ocorreu um novo surto do esporte que, aliás, nunca havia morrido. Voltou igualmente Mestre Pastinha que nunca se esquecera dos seus "aus" e "faz que vai e não vai..."

- "Voltei a pedido de um amigo", disse-nos ele certa vez. "E estou nesta vadiação para moralizar a arte".

Diante dos nossos olhos, aquele velhinho colocou uma nota de dez cruzeiros no chão encerado de uma sala de visitas, afastou os moveis e convidou "Alemão" para alguns movimentos. "Alemão" é um guarda-civil de Salvador, forte como um touro, vinte e três anos, mestre também de capoeira. E Mestre Pastinha explicou:

- "Está vendo este dinheiro? Sabe o que significa? Faz de conta que houve uma briga; uma de nós puxou uma faca e essa acabou caindo no chão. Agora, os capoeiras tratam de apanhá-la. Quem pegar o dinheiro, pega a vida. Quem não pegar, morre".

Começou então o gingar dos capoeiras. O velhinho, que vadiava havia mais de uma hora, depois de uns quinze minutos de "chibatas" e "aus", "bençãos" e "cocadas", acabou apanhando a cedula com os dentes, não obstante o outro tivesse empregado todos os esforços para não ser derrotado por um contendor quarenta anos mais velho...

Descansado, sem ofegar, Mestre Pastinha explicou alguns segredos:

- "Boca de calça não se perde. Nunca a gente deve deixar o outro encostar: não sou balança nem quero carregar peso. Capoeira que se conhece não abandona um pouquinho de pimenta do reino. É bom para os olhos do arversario. Capoeirista precipitado é cego. O velho sabe. A gente não pode ver peito descoberto sem sentir vontade de beijar (cabeçada). Os olhos devem estar sempre vigiando..."

Mestre Pastinha acaba de organizar uma academia. Academia de Angola, pura, sem o hibridismo da Regional de Mestre Bimba. É absolutamente gratis, porque a intenção do velhinho é apenas moralizar a arte. Todos de branco, em cima da lama, em contorsões acrobaticas, ageis como serpentes, os angolenses restabelecerão o prestígio da capoeira que só tem prestígio na velha Bahia. Sim, porque hoje capoeira é um mito fora da Bahia. E todo cidadão que leu três livros sobre folclore entende então de dizer asneiras sobre o assunto.